

panela

> A peça

Fragmento da parte superior de uma panela em cerâmica com quatro componentes: o bordo; o colo; a pança e a asa de fita. No bordo, um espessamento ao nível do lábio confere-lhe um perfil aproximadamente triangular demarcando-o bem do colo ligeiramente convexo. A delimitação entre este e a pança, com maior índice de convexidade, é marcada por um ressalto também ele bem vincado. A asa de fita que estabelece a ligação entre o bordo e a pança tem um perfil assimétrico encurvando bastante na sua parte superior.

Embora depurada, a pasta contém bastantes elementos não plásticos de pequena dimensão, ainda visíveis. A superfície foi alisada antes da cozedura e, depois desta, decorada através de pintura de linhas brancas que na asa se distribuem em bandas paralelas e na pança são mais irregulares.

Originalmente, tratar-se-ia de uma peça com altura ligeiramente superior à largura, com o corpo bitroncocónico encimado por um colo cilíndrico. A transportabilidade estaria assegurada por uma ou duas asas colocadas na parte superior.

A sua produção e utilização são datáveis entre os séculos XI a XIII.



Fragmento BPLX - CP 1481 | © M. Farinha

✓ O grupo

Este fragmento integra o grupo das loiças de cozinha, mais precisamente aos artefactos que seriam levados ao fogo durante a preparação de alimentos. A recorrência de marcas de combustão em peças deste tipo comprova a sua função, característica bem representada nos exemplares exumados nas escavações arqueológicas do Edifício Sede do Banco de Portugal.

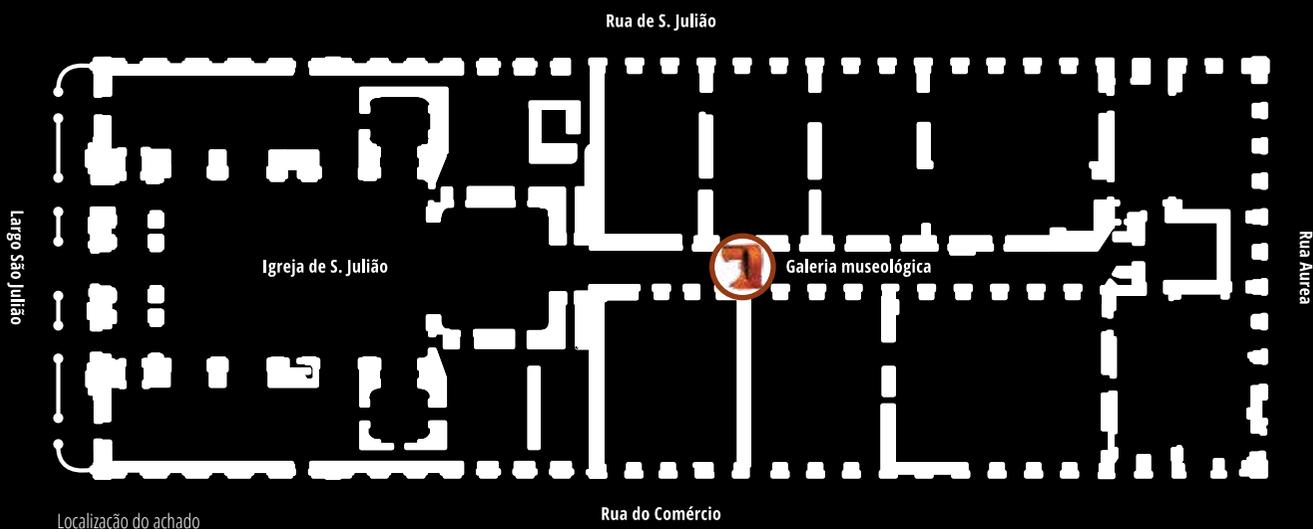
A utilização das panelas implicava por vezes a cobertura da sua boca para retenção do calor, tarefa para a qual se utilizavam tampas (testos), também eles recuperados em número significativo – mais de mil ocorrências no período islâmico / medieval.

Com distintas variantes morfológicas, determinadas pela cronologia e local de produção, as panelas foram um elemento fundamental no quotidiano das populações islâmicas, sendo a sua descoberta bastante comum nos espólios desta época.



Reconstituições 3D | © Illusive





Localização do achado

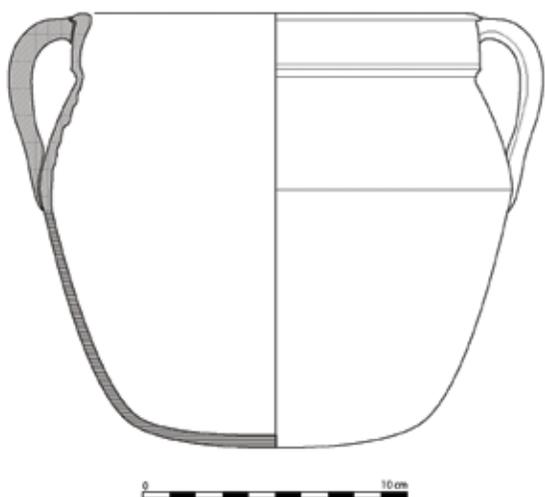
^ O achado

Esta peça foi recolhida nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, a escassa distância da atual galeria museológica, perto dos 3,5 metros de profundidade. Estas camadas depositaram-se maioritariamente entre os séculos XI a XII, em época islâmica. Os materiais associados a atividades domésticas dali recolhidos relacionavam-se com as atividades quotidianas que se desenvolveriam a montante na zona urbanizada da Baixa e que para aqui foram transportados pelas águas do esteiro que então a percorria.

✓ Outras informações

Embora seja um artefacto simples e comum à época, a exposição desta panela, bem como de outros artefactos do quotidiano aproxima-nos das vivências dos antigos habitantes da Baixa. Num total que ascende a vários milhares, a presença de artefactos de cozinha no conjunto exumado nas escavações arqueológicas indicia a proximidade de uma zona residencial com atividades domésticas correntes, onde a alimentação desempenhava um papel fundamental.

A importância desta peça não reside pois na sua singularidade, antes na integração de um leque mais vasto que, quando analisado estatisticamente, ajuda a revelar os hábitos das populações que à época habitaram o arrabalde ocidental. Assim, o trabalho do arqueólogo na reconstrução do passado passa pela descoberta das peças mas também por um longo processo de laboratório onde a inventariação e catalogação, muitas vezes repetidas em peças similares, são etapas essenciais.



Desenho arqueológico da peça.



Pormenor da inventariação de cerâmicas comuns.